

PRÁTICAS EDUCATIVAS EM DISCURSOS DE IDOSOS: ARGUMENTAÇÃO EM DEPOIMENTOS DE MORADORES DO MUNICÍPIO DE RIACHO DE SANTANA/RN

Francisca Carlene da Silva

Gilton Sampaio de Souza

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

franciscacarlene@hotmail.com

Resumo:

Este trabalho objetiva analisar processos argumentativos em depoimentos de idosos de Riacho de Santana/RN. Selecionamos para esta pesquisa entrevistas com dois idosos e delas trouxemos excertos que abordam temas referentes à educação, respeito aos pais ou familiares mais velhos e às práticas de ensino daquela época. O *corpus* analisado é constituído por discursos de dois idosos e foi constituído por meio de entrevistas gravadas, com depoimentos voluntários dos entrevistados. Os idosos, em meio às memórias que os cercam, conseguem trazer à tona argumentos baseados na estrutura do real e que fundamentam a estrutura do real, sobretudo, com ensinamentos válidos ainda para as gerações atuais, revelando valores concretos e abstratos que se alteram ao longo do tempo. Para análise, fazemos interpretações dos discursos que subjazem os depoimentos e identificamos as teses, hierarquia de valores e recursos de presenças nos depoimentos dos idosos sobre práticas educativas, com ênfase em temas como educação e família. Como aporte teórico, trazemos Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Abreu (2009), Fiorin (2016) e Bosi (1994). As análises apresentam discursos que revelam uma realidade diferente no âmbito das práticas educativas de antigamente, das práticas formais e não formais, trazem elementos e discussões pertinentes sobre a argumentação no discurso e as hierarquias de valores de hoje e ontem sobre a educação e o trabalho, que assumem valores diferentes, nas duas épocas em foco.

Palavras-chave: Argumentação, memórias de idosos, práticas culturais e educativas.

1 Introdução

Essa pesquisa tem como foco de interesse práticas culturais e educativas que permeavam a região do Alto Oeste Potiguar, no século XX. Em especial, práticas relacionadas à educação, à vida em família e ao trabalho infantil. Práticas que repercutem diretamente na educação oferecida em nossas escolas ainda hoje e também na vida cotidiana da sociedade e dos lares da população do século XXI. O objetivo deste estudo é analisar teses, hierarquias de valores e recursos de presenças em torno de práticas culturais em discursos de idosos do município de Riacho de Santana/RN. Esse estudo está relacionado à pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional de Letras em rede nacional (PROFLETRAS) por SILVA (2016) e, também, aos estudos em discurso, argumentação e memória desenvolvidos junto à Linha de Pesquisa em “Estudos de Processos Argumentativos”, do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), sendo também certificado pelo CNPq.

A pesquisa tem caráter qualitativo e envolve estudos bibliográficos, pesquisa de campo e análise de textos. Para a constituição de *corpus*, utilizamos excertos de discursos de dois depoimentos coletados de idosos do município de Riacho de Santana/RN, que se localiza na região do Alto Oeste Potiguar, região conhecida como miolão do semiárido. As entrevistas foram realizadas por um grupo de alunos, do oitavo ano do ensino fundamental, de uma escola pública do próprio município, liderados pela professora de Língua Portuguesa. Os dois idosos, uma mulher e um homem, são naturais de Riacho de Santana e ainda residem no município. A idosa, de 80 anos, na sua infância, morava na zona rural, mais especificamente no Sítio Sobradinho e, para codificação e referência nesse texto, será denominada de Idoso-A. Ainda na juventude veio morar na cidade onde casou, constituiu sua família, trabalhou como ASG na escola estadual do município e hoje é aposentada. O idoso, de 73 anos, na sua infância também morava na zona rural, no Sítio de Cima, e será referido aqui nesse texto como Idoso-B. Já jovem veio morar na cidade, casou-se. Trabalhou sempre na agricultura e hoje é também aposentado. As entrevistas, semiestruturadas, foram gravadas nas residências dos idosos, após serem apresentados os objetivos da pesquisa. Os dois idosos assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e permitiram utilização de suas entrevistas e pesquisas científicas. A transcrição das entrevistas respeitou o léxico, as variações linguísticas e a gramática da fala dos idosos e os pesquisadores tiveram todos os cuidados éticos na transcrição e na utilização dos textos transcritos.

Para as discussões trazidas no decorrer do trabalho, apoiamos-nos teoricamente nos estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Abreu (2009), Fiorin (2016), Bosi (1994), SOUZA, COSTA, BARBOSA JÚNIOR (2012) SOUZA, SOUSA, MOREIRA (2016). Sendo assim, abordamos questões sobre argumentação e memórias. Os temas trazidos nos depoimentos dos idosos, falando de práticas culturais de suas vidas, versam sobre o respeito que eles tinham aos pais e aos mais velhos, aos trabalhos realizados desde a infância, o ensino nas escolas e a educação de forma geral. Trazemos para as análises excertos de discursos sobre cada um dos temas já mencionados e, com base neles, fazemos interpretações e apontamos a presença dos processos argumentativos, visto que, mesmo sem consciência metalinguística de seus discursos, os idosos colaboradores dessa pesquisa fazem uso da argumentação em suas falas, a cada descrição de situações vividas no passado.

O presente trabalho está organizado em quatro partes: a primeira é a *introdução*, que agora encerramos; a segunda contém os *apontamentos teóricos*, que estão subdivididos em três tópicos, memórias, educação na primeira metade do século XX e argumentação, tópicos que sustentam

nossas interpretações; a terceira traz *as análises* dos excertos que fizemos de cada depoimento; e a quarta parte é a *conclusão*, que apresenta os resultados e considerações finais de estudo.

2 Aspectos contextuais e teóricos da pesquisa

Nessa parte, fazemos reflexões de cunho teórico, cujas teorias se apresentam como fundamentais à interpretação dos discursos que subjazem aos discursos presentes nos depoimentos dos idosos colaboradores dessa pesquisa. Assim, são discutidas delimitações de aspectos da cultura no século XX e definições de termos como memória, argumentação, entre outros.

2.1 Práticas educativas na primeira metade do século XX

Vivia-se outra realidade na primeira metade do século XX, em todos os campos que possamos imaginar. Cultura, economia, religião, educação, tudo foi transformado com o passar do tempo. O ponto forte que trazemos para nossa discussão é justamente referente à educação, às práticas culturais educativas. Falamos de uma época em que os pais tinham (ou acreditavam ter) total controle sobre as ações de seus filhos, em que a obediência e muitas vezes o temor ficavam evidentes e se apresentavam como valores superiores. Qualquer conversa com uma pessoa idosa, com uma pessoa que tenha sido educada entre as décadas de 1930 – 1940, que vemos uma certa saudade dos tempos em que a relação entre pais e filhos era mais respeitosa e de obediência aos mais velhos. E partir de uma simples conversa, sendo eles levados a recordar momentos da infância e adolescência, iremos perceber a presença até de certa subserviência dos filhos com relação aos pais.

Identificamos nesses depoimentos, em que os idosos (aqui denominados de sujeitos oradores ou colaboradores da pesquisa) trazem a maneira como foram educados, e apresentam evidências de que os pais eram vistos como autoridade e nem sempre em todas as famílias havia espaço para um diálogo aberto, um diálogo em que pudesse ser analisado o que era melhor para cada um. Prevalcia, segundo eles, nos costumes da época, a vontade dos pais com relação às vontades dos filhos, havendo uma hierarquia de valores, determinada pelos pais e mães, também no que deveria ser importante para as famílias.

Nesse contexto, surgem os estudos que quase nunca eram prioridades, tendo em vista que desde cedo os filhos eram levados a entender a necessidade, a obrigação de ajudar os pais nos trabalhos que garantiam o sustento da família e, com isso, o filho já era levado a aceitar que as obrigações vinham em primeiro lugar. O trabalho e sustento da família eram valores superiores aos



estudos e à educação letrada. As obrigações eram definidas e o não cumprimento resultava em punições duras, o que certamente garantia que a maioria dos filhos fizesse o que os pais determinavam. Os valores e as normas de conduta eram passadas de geração a geração e a família bem vista seria a que mantinha os costumes da época, a que conseguisse demonstrar união entre os seus membros e obediência aos valores tradicionais.

Os estudos da época, para quem tinha oportunidade de estudar, focavam em três pontos importantes: aprender a ler, escrever e resolver contas. Isto, segundo os próprios idosos, era suficiente para as tarefas que iriam realizar, era suficiente para a pessoa que sabia ler e escrever, para ser vista positivamente pela sociedade, já permitindo aos detentores desses saberes, inclusive, ensinar a outras pessoas.

2.2 Memória

A memória nos garante registrar os momentos já vividos em qualquer fase de nossas vidas. Recorremos à nossa memória para lembrar de algo, para buscar um conhecimento arquivado, reviver experiências. Todos nós temos esta capacidade, no entanto a memória dos idosos é privilegiada. Já viveram mais tempo e é natural que guardem lembranças de diferentes momentos vividos e de importâncias diversas. Alguns ciclos já foram concluídos, só precisando de oportunidades para a memória ser ativada e ressurgirem as lembranças. Encontramos nos estudos sobre lembranças de idosos aspectos conceituais que dão apoio para a definição de memória aqui discutida:

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade (BOSI, 1994, p. 60).

As questões postas por Bosi nos fazem entender o quanto é importante valorizar os idosos e suas lembranças. São pessoas que já viveram as mais diversas situações possíveis, suas histórias envolvem temas que trazem aspectos familiar, cultural, social, econômico e educacional, enfim uma gama de saberes. E por esta razão, como vimos nas palavras de Bosi (1994), é uma memória mais definida, completa. O tempo passou e os trabalhos antes realizados, muitos deles que exigiam o

esforço físico, não mais podem ser executados, as habilidades não são mais as mesmas. No entanto, isto não significa que os idosos não possam contribuir para os estudos científicos; muito pelo contrário, é chegado o tempo de se pesquisarem outras habilidades desses idosos, de apresentar a utilidade que só tem quem muito viveu, quem tem experiências suficientes para serem transmitidas, comentadas, para que assim sejam valorizadas. Encontramos ainda em Bosi (1994, p. 81) esta afirmação:

É o momento de desempenhar a alta função da lembrança. Não porque as sensações se enfraquecem, mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e se dobram a quintessência do vivido. Cresce a nitidez e o número das imagens de outrora, e esta faculdade de lembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora.

A nova tarefa, a de lembrar, não é tão simples assim, também tem suas exigências. Requer capacidades e determinações, há emissão de sentimentos e como nos diz Bosi (1994, p. 81): “Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito”. A memória se constitui, portanto, como reflexo e refrações de lembranças, como partes da vida que ainda se vive. O adulto, a pessoa que está com a mente repleta de tarefas para desempenhar, com uma agenda precisando ser organizada para dar de conta de tantos afazeres, não terá capacidade e sensibilidade suficientes para apreciar o momento oportunizado pelas lembranças e fazer destas uma reaparição e não uma repetição do que já foi vivido. Cabe, então, ao idoso realizar tarefa tão nobre e que pode desde que seja bem aproveitada, contribuir para a formação de pensamentos e ações das gerações futuras.

2.3 Argumentação nos discursos: teses, hierarquia de valores e recursos de presença

A argumentação está presente em todos os espaços em que haja linguagem, democracia e também em todos os ambientes em que atuamos pelo discurso. Os discursos orais e escritos trazem aspectos argumentativos em qualquer circunstância. Muitas vezes, nem ao menos percebemos, mas em nossas falas apresenta-se a vontade de convencer, de fazer com que o interlocutor partilhe do mesmo posicionamento. Para isto, começamos a procurar a melhor forma de convencer, a maneira mais eficaz de mostrar que o nosso posicionamento é o mais coerente diante de determinadas situações, em cada um desses momentos estamos fazendo uso da argumentação.

Para argumentar, há que se ter orador, auditório e teses. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 21), “Esse contato entre o orador e seu auditório não concerne unicamente às condições

prévias da argumentação: é essencial também para todo o desenvolvimento dela”. Isto significa que durante todo o processo argumentativo se faz necessária uma relação muito próxima entre orador e auditório, visto que o objetivo principal de toda argumentação é a adesão daqueles a quem o orador se dirige e que, portanto, a argumentação é relativa ao auditório que pretende influenciar.

Fiorin (2016, p. 9) nos declara que “O argumento são proposições destinadas a fazer admitir uma dada tese. Argumentar é, pois, construir um discurso que tem a finalidade de persuadir”. É com a finalidade de conquistar a adesão do auditório às teses que defendemos que os argumentos são construídos. Para que as teses lançadas ao auditório sejam aceitas, é importante que o orador conheça o seu público-alvo, e este conhecimento é adquirido mediante conhecimento dos valores que envolvem o auditório. Argumentar é também hierarquizar valores. É pelo respeito aos valores do auditório que o orador poderá construir argumentos possíveis de sustentar sua tese e de convencê-los de sua pertinência.

Os valores intervêm num dado momento, em todas as argumentações, e a união estabelecida a partir dos valores contribuem para que os auditórios tenham pensamentos e ações comuns e os grupos vão se formando mediante os valores. Estes são definidos como valores abstratos e concretos na tentativa de estabelecer uma diferença. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 87) dizem que “valor concreto é o que se vincula a um ente vivo, a um grupo determinado, a um objeto particular, quando os examinamos em sua unicidade”. Já os valores abstratos não levam em consideração pessoas e parecem fornecer critérios a quem quer modificar a ordem estabelecida. São valores ao mesmo tempo sensíveis e úteis como justiça, amizade e honestidade.

No entanto, não é tão simples estabelecer a diferença entre valor concreto e valor abstrato. O que é concreto em certos casos, nem sempre o é em outros contextos. A argumentação nos discursos se baseia em princípios éticos, estéticos e na crítica ao cartesianismo, ela se ancora também em circunstâncias conjunturais gerais, mas também em circunstâncias imediatas de produção de sentidos, por isso os oradores fazem uso ora de valores abstratos, ora de valores concretos, a depender do contexto, das teses defendidas e do público-alvo.

No entanto, nos estudos em argumentação nos discursos, mais importante do que os valores são as hierarquias dadas a eles. Como nos afirmam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p 92):

As hierarquias de valores são, decerto, mais importantes do ponto de vista da estrutura de uma argumentação do que os próprios valores. Com efeito, a maior parte destes são comuns a um grande número de auditórios. O que caracteriza cada auditório é menos os valores que admite do que o modo como os hierarquiza.

Sendo assim, é importante percebermos que, na tentativa de conseguir a adesão do auditório, o orador tem a necessidade de conhecer quais são os valores e como estes são hierarquizados pelo auditório a fim de usar este conhecimento a favor de seu discurso. Este conhecimento é importante porque os valores gozam de uma adesão de intensidade diferente e, portanto, admitem princípios que permitem hierarquizá-los diferentemente.

Além da hierarquização de valores, são também importantes nos processos argumentativos os recursos de presença, trazidos pelos oradores nos momentos de produção dos discursos. Para conseguir melhor sustentação para a tese defendida, o orador pode fazer uso de recursos de presença que terá como objetivo ilustrar a tese a ser defendida, realçá-la, para impressionar os interlocutores ou mesmo para eliminar outras teses que, por ventura, pudessem impedir a aceitação da tese que pretende defender. Este é um recurso que pode mexer com o emotivo, com a sensibilidade, e seduzir o auditório. “Um argumento ilustrado por um recurso de presença tem efeito redobrado sobre o auditório. Procure sempre agregar histórias aos seus argumentos. Eles ficarão infinitamente mais sedutores” (ABREU, 2009, p. 74). Com o uso deste recurso, o auditório terá a capacidade de imaginar cada ilustração feita e acompanhar, com mais proximidade, os acontecimentos, sendo que esta aproximação contribuirá diretamente para uma possível adesão do auditório às teses defendidas pelo orador.

3 Análises dos processos argumentativos em depoimentos de idosos

As análises dos processos argumentativos em depoimentos de idosos tem como *corpus* os excertos de discursos desses sujeitos colaboradores da pesquisa, produzidos no momento em que narravam aspectos de suas vidas, e articulam algumas das principais categorias dos estudos sobre argumentação e discurso.

Excerto 1:

Quando minha mãe morreu eu tinha dois anos de idade, não conheci. Aí a mãe que eu tive foi papai. Ele foi pai e mãe pra mim. A gente seguiu a educação dele, chamava todo mundo de senhor e senhora. Se ele tivesse conversando em casa com os compadres dele, você não tinha o direito de passar na frente, como os filhos de hoje que passam é correndo no meio. Bastava olhar pra gente, arregalava os olhos, nós já saía desconfiadinha, era mesmo que levar uma pisa. (Idoso-A)

Nesse excerto, o orador Idosa-A, faz referência às práticas culturais de quando ela era criança. A tese defendida por ela é que naquela época os filhos respeitavam o pai. Como argumento, utiliza o argumento pelo caso particular (por ilustração), ligado à técnica da argumentação que fundamenta a estrutura do real. Traz os valores abstratos de respeito aos mais velhos para foco do discurso, e faz sua hierarquia de valores colocando a obediência ao pai em evidência, em primeiro lugar entre as boas ações de antigamente. Identificamos também a utilização de recursos de presença, quando ela ilustra esse respeito ao pai com dois exemplos: o fato de chamar todo mundo de “senhor e senhora”, um ensinamento do pai, e o fato de não interromper a conversa do pai com as visitas passando na frente porque o pai era visto como alguém a quem se deve respeito, era visto como alguém superior. E, para representar a educação de sua época, ainda comenta que para ter a obediência dos filhos, o pai só precisava olhar, isto já era suficiente. Esse exemplo funciona também como argumento pelo modelo, que se configura como o modelo de pai trazido pela oradora.

Observamos a figura do pai como a figura que ela teve para aprender a ser uma pessoa educada e que respeita os mais velhos, visto que perdeu a mãe aos dois anos de idade. Temos a construção de um valor abstrato, “o respeito”, construído a partir de um valor concreto, “o pai”, pessoa que transmitiu para ela a necessidade de ser educada e respeitar sempre os mais velhos.

Excerto 2:

Com sete ano eu queria ir pra escola. Quando foi um certo dia, eu peguei uma cartilha de ABC, era uma cartilha desse tamanhinho assim, com um lápis de madeira do mato, do mato sabe? Aí saí, naquele tempo não tinha estrada não, era vereda, chamava vereda, sabe? Quando eu cheguei na frente da casa duma tia minha, eu ia passando desconfiado com uma roupinha feia, eu também muito feio, com uma sandalha currulepe. Minha tia disse: Ei, vai pra onde? Pá escola. Volte cabrito sem vergonha. Cê tá com preguiça de trabalhar, ajudar seu pai. Aí eu assombrado, com medo do cipó, foi só voltar pra casa. Voltei a estudar sabe quantos anos eu já tinha? Treze, mas também não aprendi nada. (Idoso-B)

Identificamos nesse excerto de Idoso-B também a utilização de recursos de presença para ilustrar o que fez o idoso desistir de estudar quando ainda criança. O argumento pragmático, de causa e efeito é utilizado, para mostrar exatamente os motivos de não ter estudado muito. A tese defendida é a de que ele não estudou porque os mais velhos não permitiram, criaram empecilhos para a continuidade de seu estudo. Assim como no discurso de Idosa-A, o respeito e a obediência aos familiares mais velhos aparecem como valores muito importantes e como práticas culturais

recorrentes naquela época, que se revelam nas memórias dos dois idosos. Devido a esse respeito, o idoso ainda criança desistiu de realizar sua vontade, o seu desejo, que era de estudar. Seu desejo não foi realizado por causa da ordem determinada por uma tia, mostrando que ele tinha que voltar para casa e que fosse ajudar o pai. São argumentos baseados na estrutura do real, de causa e efeito.

Também fica claro no depoimento de Idoso-B que, naquela época, estudar era sinônimo de preguiça. Não estava no topo da hierarquia dos valores de seus pais e sociedade. As pessoas que estudavam eram vistas como alguém que não queria se dedicar ao trabalho. Estudar não tinha uma valorização positiva para a família. O trabalho vinha primeiro. Assim, na hierarquia de valores das famílias daquela época, o trabalho era mais importante do que os estudos, mesmo se tratando de uma criança.

O idoso ainda descreve, como recursos de presença, o material escolar que levava, o caminho que percorria, que não era uma estrada, mas uma “vereda”, a roupa e as sandálias que usava. Toda a descrição mostra a simplicidade e a humildade da época que dão visibilidade aos argumentos defendidos, que funcionam como recursos que tornam presentes argumentos defendidos.

Excerto 3:

Frequentei a escola. Eu só tenho até o terceiro ano completo. Quando passei para o quarto ano desisti porque era muito longe, tinha que ir a pé, tudo era mais difícil. O estudo era só esse, tinha o livro, a professora chamava lá no birozinho dela e a gente dava a lição, lia aquela parte do livro, chamava dá a lição. Passava contas, fazia o ditado, ela ditava as palavras, a gente escrevia e depois ela corrigia. Tinha também cópia. Hoje a professora dizia assim: hoje vocês vão fazer uma cópia, era só pegar do jeito que tava no livro e colocar no caderno (risos). (Idoso-A)

Nessa parte do depoimento da idosa-A, a situação vivida é mais uma vez ilustrada para que possamos imaginar exatamente como era o processo ensino/aprendizagem da época. Os recursos de presença trazem imagens dos processos que descreve. Os três requisitos apontados por ela são exatamente a leitura, escrita e as operações aprendidas a partir das contas. Eles ilustram como era a educação e os conteúdos do ensino fundamental naquela época. São argumentos que fundamentam a estrutura do real, por casos particulares. Aqui por ilustrações que nos permitem imaginar a professora em seu birô e os alunos dando a lição e cada tarefa realizada, tudo constitui recursos de presença e sustentam a tese defendida de como o ensino se dava de forma simples, isto confirmamos quando ela diz “o estudo era só esse”.



Excerto 4:

Amanhecia o dia, não tinha essa história de painho, nem mainha não. Era acorda! Acorda! Tá na hora de levantar. Vá buscar um galão d'água lá no rio. Chegava, botava água nos pote. Vá buscar mais dois. Terminava, terminou? Terminei. Pois vá apanhá algodão. Ia com uma preguiça. Mas tinha que ir trabalhar. (Idoso-B).

Observamos, nesse excerto, a tese de que, na época em que era jovem, as crianças não tinham as regalias que tem hoje. Há uma argumentação quase-lógica, por enumeração e comparação, em que antes e o hoje se tornam categorias centrais em seu raciocínio. Os pais determinavam a tarefa e os filhos tinham que cumpri-la. Para garantir a credibilidade do que está declarado, o idoso apresenta uma obrigação que tinha que realizar já ao amanhecer do dia e, mesmo que não estivesse disposto, tinha que ser feita a obrigação, “Não tinha essa história de painho, nem mainha não”.

Ao terminar uma obrigação, a outra já era logo encaminhada e, mesmo com preguiça, tinha que trabalhar. Verificamos a superioridade da vontade dos pais com relação a vontade dos filhos, o trabalho e as obrigações como valores superiores na hierarquia das famílias. Como também, vemos a obediência que o filho tinha com relação às determinações dos pais como valor abstrato importante junto ao valor concreto, a pessoa do pai ou da mãe, que se apresentam como mais importantes, entre os valores destacados.

4- Considerações Finais

Tivemos a oportunidade de, com esta pesquisa, trazer algumas discussões importantes sobre memórias de idosos, sobre a educação em tempos passados e sobre alguns processos argumentativos, mais especificamente sobre teses, hierarquia de valores e recursos de presença.

Com o acesso aos depoimentos dos idosos, afirmamos o quanto as memórias e os argumentos são ricos e trazem práticas culturais importantes para nosso meio, despertando o interesse por esse tempo que, segundo eles, não mais existe, mas que não pode ser esquecido porque valoriza quem os viveu e traz ensinamentos para quem toma conhecimento de sua existência.

As análises nos possibilitaram compreender as teses defendidas e os recursos de presença usados para tornar os depoimentos mais evidentes, mais cativantes e a hierarquia de valores construída a partir de valores concretos e abstratos, como forma de interpretar práticas culturais de

peças do município e entender como pensam as pessoas mais idosas e que práticas discursivas e culturais os constituíram como pessoas, e determinaram os valores e teses com os quais ainda hoje convivem e interpretam o mundo que os rodeia, por mais distinto que este possa lhes parecer.

Temos, assim, um trabalho que confirma a necessidade de valorizar as memórias e os argumentos que se revelam em discursos de idosos, e também que apresentam uma realidade diferente no âmbito da educação, das práticas educacionais, formais e não formais, e que trazem elementos e discussões pertinentes sobre a argumentação no discurso.

Em cada excerto destacado está presente a forma de pensar e raciocinar do idoso, suas experiências e seus ensinamentos, e isto nos enriquece como pessoas e como pesquisadores porque ampliamos nosso conhecimento diante dos assuntos abordados e entendemos melhor a sociedade em que vivemos, a educação que temos e a relação que tiveram nossos antepassados, que são constituintes das práticas culturais educativas de hoje.

5- Referências

ABREU, A. S. **A arte de argumentar**: gerenciando razão e emoção. 13 ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

BOSI, E. **Memória e sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FIORIN, J. L. **Argumentação**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

PERELMAN, C.; OLBRESCHTS – TYTECA. L. **Tratado de argumentação**: a nova retórica. Tradução GALVÃO, M. E. A. P. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SILVA, F.C. **Argumentação em memórias literárias de Riacho de Santana: um estudo sobre produção textual no ensino de Português**. (Dissertação em andamento) 2016.

SOUZA, G.S.; SOUSA, M.S.C.; MOREIRA, M.C.F. **A educação como espaço de superação? Indiferença e discriminação social?**: argumentação e identidades em depoimentos de uma professora universitária. *Identidade!*(online), v.21, p.80 – 90, 2016.

SOUZA, G.S; COSTA, R. L.; BARBOSA JUNIOR, F.F.. **A argumentação em discursos sobre o ensino superior na UERN**: sentidos que constituem o Campus de Pau dos Ferros. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discursos e Argumentação*, v. 02, p.63 – 75, 2012.